Guimarães, 18 de Agosto de 1912

1.º ano—N.º 10

Director: António Dantas, filho
Redactor: António de Souza
Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal
Propriedade da Emprêsa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação nêste concelho.

Ao ilustre e brioso oficial do exército, sr. Tenente Valdez, encarregado da investigação sôbre crimes de rebelião neste concelho.

Ex.mo Sr.

Nada se tem dito até hoje e nada se dirá nunca no *Lusitano* que não seja a expressão pura da verdade, nua e crua, provada com factos indestrutíveis.

Por isso nos chamam *talassas!*

Por isso nos chamam *jesuitas!*

Declaremos:

Se ser *talassa* e ser *jesuita* é ter sinceridade e honradez, é possuir carácter e brio, é não descer ao monturo da mentira e da infâmia e dizer, com altivez e desassombro, verdades ainda que amargas, é despresar os próprios interêsses para só cuidar dos interêsses gerais do Povo que sofre e que paga, nós do melhor grado preferimos ser chamados, com quanto ódio e quanto sarcasmo quizerem os nossos detractores, *talassas* e *jesuitas* a sermos classificados de *intimos amigos* e *presados correligionários* dêsses indivíduos.

Dentro da República, sim, dentro dela, porque dela nunca nos afastamos, estamos em um campo diametralmente oposto.

Entre nós e os nossos detractores medeia uma distância imensa, tal é a que separa a verdade do embuste, a firmeza de convicções das necessidades estomacais ou dos pruridos dêsse fingido patriotismo a que o imortal cantor das nossas glórias se referiu nestes apunhalantes versos:

«Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!»

Depois, nós, que não andamos a soldo de ninguêm, que ninguêm nos pede e ninguêm nos paga as desataviadas linhas que voluntáriamente, muito voluntáriamente mesmo, vimos traçando no nosso modesto jornal, não somos *talassas* nem *jesuitas*, como não é *talassa* nem *jesuita* o Povo que defendemos. O nosso Povo, o Povo cuja defesa espontâneamente tomamos, não é um povo fictício, com habilidades truanescas; o nosso Povo existe de facto, tem vida própria garantida pelas suas qualidades de inteligência e de trabalho, e tanto existe entre os grandes homens da República, como nas camadas dos indiferentes, na casa do opulento banqueiro ou comerciante, como na mansarda do humilde operário ou trabalhador rural.

Não é um povo fictício.

Existe e existe de facto.

Dito o que fica para esclarecimento de quaisquer dúvidas que a intriga, sempre traiçoeira e mesquinha, possa fazer suscitar, vamos ao assunto que nos levou a endereçar êstes artigos a V. Ex.ª

* * *

Sabemos que, dirigindo-nos a V. Ex.ª, nos dirigimos a um republicano sincero, a um patriota dedicado, a um cavalheiro respeitável, a um carácter impoluto e a uma consciência inconcussa e porisso não hesitaremos em dizer-lhe o que sentimos, embora nos falte o brilho da frase e o primor do estilo.

Nas monarquias como nas repúblicas, nos impérios como nos ducados, no mundo culto como no inculto, todos os homens teem o seu lugar na escala social e dêle não abdicam, quer seja em nome da mais pura democracia, ou do mais encendrado socialismo.

Não se nos diga que Zola seria capaz de se render às observações do seu lacaio, que Tolstoï acataria as censuras, ainda que justas, do seu barbeiro, que Marx se curvaria perante as razões contraditórias de um operário, que Ferrer obedecesse às ordens dum professor das suas escolas laicas.

Não se nos diga mesmo que Jesus Cristo, o supremo evangelizador da Verdade, encarem-no por que lado quizerem, o mais verdadeiro democrata e o mais puro socialista, fazendo-se humilde entre os humildes e indo escolher os seus discípulos fieis entre os miseráveis pescadores da Galileia, abdicou, por um momento, da superioridade que tinha sôbre os homens.

E' uma lei imutável que vem do princípio do mundo.

A escala social existiu, e há de existir sempre, leve o mundo as voltas que levar.

Isto vem a propósito da forma como se procedeu nos primeiros dias de República em Guimarães, e se vem procedendo até hoje.

Sabida aqui a notícia da vitória das armas republicanas, os republicanos de Guimarães saíram para a rua, em entusiástica manifestação, dando vivas à República e morras aos *talassas* e outras coisas, no que nada achamos de extraordinário atenta a efervescência dos ânimos por uma vitória tam rápida como inesperada.

Parece que aconselhava a boa razão que, passados êsses dias de incontestável regosijo e expansão, e vista a forma pacífica como o Povo acolheu a República, o mais prudente seria os republicanos locais, sem abdicarem dos direitos de primazia que lhe competiam, chamarem êsse mesmo Povo à vida da cidade e do concelho, procurar captar-lhe as simpatias e, todos juntos, promoverem o bem comum e portanto o bem da Pátria e a consolidação da República.

Não aconteceu, porêm, assim.

As manifestações repetiam-se a propósito de qualquer coisa, já então aumentadas com meia dúzia de *gameleiros adesivos*, (permita-se nos o termo, apesar de não ser nosso) e o *mot dordre* dessas manifestações de agressão ao Povo era — insultá-lo, provocá-lo, meter-lhe os archotes à cara, e gritar *abaixo* os *talassas*, fora os *talassas* e morram os *talassas*.

E sabe V. Ex.ª porque?

Porque os tais *adesivos*, no meio da sua manifesta inferioridade e curteza de vistas, queriam assenhorear-se de tudo isto, mandar os *talassas*, calcar os *talassas*, cuspir nos *talassas*.

A prova de que está bem empregado o termo de *gameleiros adesivos* é facílima e vamos já fazê-la para evitar más suposições.

Façamos um balanço rigoroso à gente republicana de Guimarães.

Nas últimas eleições realizadas na monarquia caíram na urna, se a memória nos não falha, 6 ou 8 votos republicanos.

Hoje aparecem muitos mais republicanos e são exactamente êsses adesivos inconscientes que mais insultam o Povo e que mais mal fazem à República incompatibilizando-a com bons, sinceros e dedicados cidadãos que muito úteis lhe poderiam ser.

Vamos ao fundo, vamos ver quem era, no tempo da monarquia, essa *adesivagem* desenfreada e irrequieta.

Uns eram umas completas nulidades no nosso meio, outros, então, iam muito mais longe.

Além de serem, como os primeiros, umas completas nulidades, eram os escravos eleiçoeiros dos homens da monarquia, aqueles que andavam pelas aldeias a arranjar votos para o sr. Fulano ou para o sr. Cicrano, os mesmos que, dando ontem vivas ao sr. José Luciano ou ao sr. João Franco, os dão hoje ao sr. Afonso Costa ou ao sr. Bernardino Machado, uns insignificantes capachos, uns declarados troca-tintas, uns imundos rafeiros dos monárquicos.

Ora, sendo esta a expressão da verdade, podiam, porventura, os *talassas* receber ordens daqueles que ontem eram os seus escravos a quem matavam a fome e traziam debaixo do pé?

Não, Ex.mo Sr., porque, leve o mundo as voltas que levar, a escala social há de existir sempre e nenhum homem, por mais democrata ou socialista que seja, abdica do grau que nela conquistou.

Há ignorantes, atrevidos e maus, que querem invadir essa escala, mas a sociedade sorri-se com ironia e volta-lhes as costas com desprêso.

E' precisamente por isso que, muito embora não tenha havido um *complot* monárquico em Guimarães, há quem tenha interêsse em fazer acreditar que êle existiu, para mais à sua vontade poder satisfazer as suas mesquinhas e infames vinganças pessoais.

* * *

Dávamos por terminado êste atabalhoado artigo, mas um facto acaba de se passar que não podemos deixar sem uma referência neste lugar, chamando para êle a atenção de V. Ex.ª, pois são-nos propícios os Fados e parecem resolvidos a fornecer-nos elementos com que possamos provar, à vista e com pouco trabalho, o que afirmamos.

V. Ex.ª foi discursar num comício de propaganda republicana, realizado na passada quinta-feira em Ronfe, e é por isso que a referência que vamos fazer tem aqui cabimento.

Nós, por virtude das nossas ocupações, não pudémos ir ao comício— o que fariamos com o maior prazer de consciencioso e imparciais informadores — mas vimos, todavia, passar os

carros dos excursionistas que para lá se dirigiram partindo do Centro Republicano.

Nesses carros vimos homens respeitáveis, oficiais e sargentos briosos e também uma bandeira nacional, mas, ó suprema ironia! essa bandeira, na ocasião em que por nós passou, era empunhada por um homem ínfimo, por um carácter baixo, por uma consciência pulha.

Era êsse mesmo indivíduo que nas manifestações de agressão ao Povo andava, qual palhaço de barraca de fantoches, de archote em punho e com um trapo na cabeça à guisa de barrete frígio, a insultar e a provocar os pacíficos cidadãos por quem passava.

E' êsse mesmo indivíduo que é acusado de várias falcatruas.

E' êsse o mesmo indivíduo que, no *Povo de Guimarães*, vomitou os maiores insultos até contra republicanos.

E era êsse mesmo indivíduo, com um passado tam deplorável, que empunhava a bandeira nacional quando por nós passou!!!

Não sabemos se êle era, efectivamente, o encarregado de a conduzir.

Se era, que irrisão!

Se era, que contrasenso!

A bandeira nacional é o símbolo augusto da nossa querida Pátria.

Como há de um cidadão curvar-se, em respeitosa homenagem a essa bandeira, quando ela é empunhada por um patife refinado?

Que valor pode ter um comício cujos promotores se fazem ou deixam acompanhar por indivíduos dum tal jaez?

Que ironia!

Que insensatez!

V. Ex.ª foi ludibriado.

Nós fazemos-lhe justiça.

V. Ex.ª cria-se rodeado sómente de republicanos sinceros, de políticos honrados, mas infelizmente não aconteceu assim, a principiar pelo que nós vimos empunhando a bandeira.

V. Ex.ª foi ludibriado como os outros que não conhecem êste meio e esta gente.

V. Ex.ª, como êsses, não tem culpa alguma no enorme fiasco.

A culpa é daqueles, que *veem* alguma coisa e conhecem o meio e a gente, se esquecerem do provérbio — *mais vale só que mal acompanhado* — e preferirem a quantidade numérica à qualidade dos caracteres.

E o resultado é sempre negativo porque o povo, sempre proverbial e sempre sentencioso, aplica-lhe estoutro aforismo — **diz-me com quem andas e eu te direi quem és.**

***

Ex.mo Sr.

Entre os prêsos que estão sob as ordens de V. Ex.ª há de haver, decerto, alguns que não passam de supostos delinqüentes.

Activar, pois, a investigação sôbre êsses indivíduos e definir o grau de responsabilidade que sôbre êles impende afim de que sejam restituidos à liberdade os que o devam ser, é um acto tam humanitário quanto de inteira justiça, porque estão sendo prejudicados os seus interêsses e a sua saude.

Assim o esperamos dos seus elevados sentimentos de português e de militar.

O futuro de Guimarães

Estes dois artigos, que não teem a pretensão de esgotar o assunto, tratam-no apenas ao de leve e sucintamente, como é próprio dum jornal moderno, que deixa às revistas de especialidade e aos trabalhos de tômo, um mais desenvolvido estudo das questões. Prometemos tratar hoje do progresso dos diferentes ramos de indústria, que em Guimarães tem uma vida mais tradicional que efectiva. Denotamos já que algumas dessas indústrias se tem desenvolvido, mercê da iniciativa particular, que tem lutado pelo aperfeiçoamento do fabríco e pela conquista do mercado. Entre essas poucas distingue-se a dos tecidos de linho e algodão.

Outras, porêm, vivem num marasmo que é a vizinhança da morte, que não deve vir longe, se lhe não acudirem a tempo: e entre estas marca a sua triste improgressividade a dos cortumes.

O problema, sob o seu ponto de vista genérico, devia principiar por resolver-se, congregando vontades, isto é, colectivando os industriais.

O espírito colectivista, que póde chegar, em caso de necessidade, ao sindicalismo, não é uma garantia do operariado; é também um ponto de defesa do patrão. Unindo esforços, capitais e vontades a associação industrial seria em Guimarães uma potência, como o tem sido as suas congeneres do Pôrto, de Lisboa, da Covilhã, sempre àlerta na defesa das suas industrias, sempre procurando vencer e lutar. Certo é que para a obtenção dêste *desideratum* deve partir-se do princípio que essa colectividade seria absolutamente impolítica e strictamente trataria do desenvolvimento industrial da cidade nas suas omnímodas manifestações.

E tal passo impõe-se, porque é lamentável que em Portugal se tenham estabelecido *modus vivendi* e tratados comerciais com algumas das principais potências da Europa e nunca a voz de Guimarães se tenha ouvido para a defesa proteccionista das suas indústrias, mercê da falta duma colectividade que as represente em globo e das suas necessidades cure. Está alí à porta, segundo se afirma, o estabelecimento dum tratado comercial com o Brasil. Ninguêm poderá negar que as indústrias vimaranenses encontrariam ali um mercado esplêndido, senão se limitassem a fazer sómente o mercado nacional. Demais a nossa mesma indústria dar-lhe ía, ao Brasil, compensações com a importação do couro em bruto, que beneficiará, sôbre o argentino e espanhol, no futuro tratado.

Mas quem há aí que, legitimamente, póssa congregar as vontades e os interêsses para reclamar? Ninguem. Ao nosso espírito impõe-se a constituição duma poderosa associação industrial como condição essenial do progresso das nossas indústrias.

A êsse primeiro movimento progressivo, segue-se necessáriamente, a remodelação da Escola Industrial. Nada há mais falto de senso do que a afirmação de que êsse estabelecimento de instrucção deve acabar. O que é absolutamente necessário é a sua remodelação em bases scientificas e úteis. ¿Póde-se lá compreender que, num meio industrial como o nosso, a escola industrial não possua sequer uma rudimentar cadeira de desenho mecânico? Em compensação vê-se êste absurdo: um estudo acurado de português, como que pretendendo fazer sair dali uma escola de literatos. E o ensino de sciências que lá se ministra hoje é o que, práticamente, se necessita?

Do desenvolvimento da leccionação scientífica e prática na escola, nasceria um intenso desejo de progresso, que a associação industrial podia alimentar, estabelecendo um subsídio para o estudante mais distinto de mecânica, para que lá fora, na Inglaterra, na Alemanha ou na Bélgica, seguisse um curso prático de engenharia mecânica.

Após seis anos duma intensa propaganda e dum trabalho aturado neste sentido ver-se ía muitas das indústrias sair da rotina, Guimarães duplicar a sua riqueza, e muitos dos seus filhos não necessitarem de ír procurar no resto do país ou além-már trabalho que aqui não encontram.

Para coroar esta obra grandiosa de progresso estavam as exposições industriais, de três em três anos, certámens monstros que aqui chamassem o país e dessem riqueza à cide. E útil seria não as mesclar com qualquer outra festividade, mas fazer delas só a base principal dum grande periodo de festas, em Maio, por exemplo. Feitas de três em três anos, essas exposições seriam fontes inérgicas de riqueza para a nossa querida terra.

Mas para isso, desenganem-se os que nos leem, era preciso, antes de mais, a constituição duma colectividade industrial. O programa desta associação seria imenso: as exposições, o ensino industrial, a ligação directa com o pôrto de Leixões, a publicação duma revista de especialidade, a defesa de todos os interêsses, enfim, das seculares indústrias de Guimarães.

X.

Vôos tímidos

Por Rolando Perfeito.

Lírio de sonho

(A ELA)

Esta noite tive um sonho
Que me deixou encantado.
Foi tam simples, tam risonho,
O meu sonho imaculado ..
Que eu mesmo não sei contá-lo,
Assim estou enlevado!
Que ditosa sensação!
Levou-me até a fechá-lo
Dentro do meu coração...
Nem tu pensas, meu tesoiro,
Quanta meiga sedução
Continha o meu sonho d'oiro...
A mais formosa ilusão
Como êle não é bonita.
Se contigo é que eu sonhei...
Num país de que era rei
Tinha grandeza infinita;
Mas via com certo enfado,
A soma dos meus tesoiros
E a linda corôa de loiros
De que eu estava coroado:
Indo até ao meu jardim
Para colher uma flor,
Vi a sorrir-se p'ra mim
Um anjo deslumbrador
Estendi p'ra ti os braços,
Numa paixão, num delírio,
Tu transformaste-te em lírio
P'ra fugires aos meus abraços.
Eu, então, p'ra me vingar,
Louco de amor, de paixão,
Colhi te, lírio risonho,
Lírio do meu coração!
De dita puz-me a cantar,
Não sei o resto do sonho...
Sonho de amor, de ilusão,
De aromas e de luar...
Teu viço e tua frescura
Eram tam deliciosos
Que não pode haver ventura
Sem encantos tam mimosos.
Teu perfume inebriante,
Só em carícias desfeito,
Num terno beijo de amante,
Roçava pelo meu peito.
Mas veio o teu namorado
E tu logo desmaiado
Ai! dos beijos que eu te dei,
Murchaste numa agonia...
A madrugada rompia...
Foi então que eu acordei...

Agosto—1912.

***

A's vezes...

(A Ventura Malheiro C. Silva)

A's vezes, sôbre a nossa juventude
Paira um sonho de amor que nos tortura
E que tanto pode ser-nos ataúde,
Como porta do Palácio da Ventura.

A alma vive enquanto o sonho dura,
Numa ânsia e num combate rude;
E as dores que ela sofre não teem cura,
Nunca a alma volta mais a ter saúde,

Se o sonho depois de ter buscado
Nas azas da Esperança arrebatado,
O Ideal Perfeito do Amor,

Moribundo cai e se evapora...
Ai! é assim que às vezes a uma aurora
Se succede uma noite de pavor!...

Porto—Agosto—1912.

AONDE IRÁ PARAR TUDO ISTO?

Em tempos do início das *orientalissimas e milanesas* festas gualterianas, tempos áureos em que a paz era a tranquilidade na ordem—pax rerum tranquillitas ordinis—na frase do sapientíssimo Santo Agostinho, tempos enfim, em que todos os lábios pronunciavam, como num hossana de bençãos de gratidão, os nomes de José de Freitas Costa Soares, João de Melo, Padre Gaspar Roriz, Gualdino Pereira, Rodrigues Loureiro, Salgado, Abel Cardozo, José de Pina e Vasco Leão, alguêm, que tivesse um temperamento um tanto meditabundo e observador, desfrutaria na hoje rua da República, e em tempos idos a *áurea artéria vimaranense*, um quadro digno de alguma atenção:

—No elegante balcão de um dos seus mais belos prédios, ampla e artisticamente decorado com bandeirinhas e primorosas ornamentações, dispostas com amorável e fina arte, — tecera-se com flores e algodões coloridos *um painel* bizarramente significativo e de que o simpático ancião, dono do prédio, se recorda com comunicativo entusiasmo.

Parecia aquilo um oceano de ondas azues-brancas, onde uma donairosa mas frágil barquinha, com sua vela entumecida demasiadamente, com seu timoneiro de olhar aflito e com gestos de pouco experimentado no mester—¡lá singrava em rota vertiginosa... fúnebre enfim!

A barquinha, lá ía, pois, balouçando-se e correndo... correndo. Por entre os verdes das ornamentações, surgiam, cada uma a seu lado no balcão, duas figuras de tam graciosa quam apropriada atitude.

Eram duas jovens porta-bandeiras vestidas, uma de verde rubro—(esperança e valor) a outra de azul celeste (pureza e sentimentalidade;) uma, como que dispondo do futuro, a outra—temendo-o; porêm, ambas fitavam a barquinha, ambas pareciam ver naquela *casquinha de noz*, um objecto querido, digno de mil cuidados; ¿seria comum o encantador baixelzinho?

¡Mas o nóvel timoneiro parecia cada momento mais e mais desanimado!...

¡E pareceu-me que de repente uma malfaseja nortada estremecia as ornamentações, fêz tombar a barquinha, agitou desesperadamente as bandeiras e semeou em vários sentidos as ondas azuis-brancas feitas de algodão e trena!

E apenas o terrível Bóreas socegou suas iras, os romeiros do S. Gualter viram desatada a corda que segurava a *bandeira constitucional* que ficou em funeral, enquanto a verde-rubra lá drapejava, irada e altiva, como a limpar-se do pó espesso e sufocante que, vindo da terra, lhe pousára de leve!

¿«Aonde irá parar tudo isto?» lia-se na base do balcão em caracteres de algodão branco parodiando o Mane, Thecel, Phares da Escritura!

—Alguêm diz que o Cinco de Outubro de 1910 foi a resposta; porêm, eu, nos dias 3, 4 e 5 dêste tristonho Agosto e neste *ano da liberdade* tornei a levantar os meus amargurados ólhos para a ampla *sacada*, e se não vi a bandeira azul e branca em funeral, também não logrei ver a verde-rubra, raivosa e altiva como outrora: —¡é que estava coberta das lágrimas da fria e acerosa alvorada!...

Nivardo.

COMENTÁRIOS LIGEIROS

Um mau republicano

Contaram-me o outro dia que em Guimarães, há poucas semamanas, no jardim público, não sei a que pretexto, um carbonário do Pôrto, repentinamente atacado de hidrófobia, se dirigiu a um grupo de senhoras das mais respeitáveis, insultando-as com toda a torpeza do seu instinto

bestial e do seu carácter imundo, de pistola em punho, numa ameaça de morte que tem tanto de grotesca como de abominável.

Uma república, quando perfeitamente integrada nos luminosos princípios de liberdade e progresso que deram origem à sua implantação, deve desenvolver uma larga, activa e fecunda obra civilizadora, elevando ao mesmo tempo o nível moral, intelectual, civil e político do povo.

Até agora, porêm, nada disso a nossa república fêz, o que aliás se compreende se atendermos a que o tempo, ou bem que há de ser tomado por perseguições e represálias contra a liberdade de pensamento que a constituição garante, ou bem que há de ser tomado pela resolução dos problemas, quer de ordem moral quer de ordem económica, que na actual conjuntura mais importam ao bem estar geral e à prosperidade nacional.

A civilização no nosso país permanece estacionária, sem acompanhar os grandes movimentos que lá fora se operam dia a dia, visando todos êles à melhoria das condições económicas do povo, ao levantamento da sua cultura intelectual e ao prestígio que impõe as nações civilizadas ao respeito e simpatia das outras suas irmãs.

Na Turquia, em Marrocos ou na China, não se daria, por certo, um caso semelhante ao que ocorreu em Guimarães. O salafrário que assim procedeu estava por certo investido numa missão de confiança, conferida pela república. Se fôsse um bom republicano, no exercício dessa missão trataria de evidenciar, com orgulho e com honra, a sua qualidade política, havendo-se por conseguinte com toda a cordura, com toda a lhanesa, com todo o cavalheirismo e com toda a deferência, tratando-se de senhoras, e aproveitando a oportunidade para lhes desfazer no espírito a impressão que tivessem, porventura, de que os republicanos são pessoas de baixa educação, de perversos sentimentos e mau carácter.

Infelizmente, pois bem lamentável é, a maioria dos republicanos não teem essa compreensão dos seus deveres cívicos e partidários. Para êles, amar a república, prestar-lhe bons serviços, sacrificar-se pelo seu engrandecimento, afectar-lhe dedicação, consiste únicamente em enxovalhar e perseguir os que comungam num credo político que não seja o seu.

Com isso, porêm, não conseguem senão fomentar a desconfiança, o desânimo e a descrença nesse regímen que a todos se antolhava de paz, de amor e de ordem, de tolerância, de liberdade e de progresso.

A. M. F.

Pôrto.

Entendido

A certo cavalheiro desta cidade, que usa colarinho gomado e gravata, pedimos para que quando tenha de referir-se ás nossas humílimas pessoas, o faça em termos que não ofendam as regras da bôa educação, isto para nos evitar a massada e o desprazer de procurarmos, no cesto das informações, uma sobre a sua pessoa que o coloca muito abaixo da classificação com que há dias nos *mimoseou*.

Temos horror ás alusões pessoais, porque, alêm de ser impolítico, é feio; mas uma vez ofendidos naquilo que mais presamos—o brio e a dignidade—não teremos dúvida em exigir prova dessas ofensas e mostrar a diferença que existe entre ofendido e ofensor.

Se não tiver lá por casa um livrinho sobre educação e civilidade, nós podemos fazer-lhe a esmola de lhe mandar um.

E fica entendido, sim?

Grotescos

Um adeus longo e maguado
que me deixa bem prostrado
eis que hoje me sai da pena!
E' um adeus de saudade
p'ra alívio desta cidade
empestada de gangrena.

Um adeus ao personagem
que com sua engrenagem
revolveu para a vingança
antigo ódio mesquinho
que não era mais daninho
que coração de creança.

Vi-o à tarde retirar
em carruagem vulgar,
de visão bem carregada!...
Ouvi as aves nos ares
regosijarem cantares
como em plena madrugada!

E as arvores, da altura,
faziam-lhe uma mesura,
sôbre si, dobrando um cano!
Lá foi!... Era o cantador
que dissera sem pudor
'sfrangalhar o Lusitano.

E domingo no jardim
fêz por lá aquele chinfrim
com o nosso Director.
Ao mostrar o seu civismo
borbulhava-me o pulhismo
à tôna do seu rancor.

Só houve um carácter altivo
na luta, carácter vivo,
que mostrou mais uma vez.
Chamo a êsse homem assim recto,
p'la justiça predilecto
Senhor Tenente Valdez.

Se falta este militar
teriamos que lamentar
alguma tôrpe baixeza...
Cumprimento o Director
expondo-lhe a minha dor
e saudo-lhe a defesa!

Tirteu.

O "complot„ monárquico em Guimarães

Quem vir um título desta ordem vai decerto imaginar, à primeira impressão, que se trata duma grande notícia sensacional!

Pois não, senhores. Trata-se até de uma notícia de pequena importância para nós, mas de grande importância para *êles*.

Trata-se da

Libertação de supostos implicados num *complot* monárquico em Guimarães.

Damos aos nossos amáveis leitores a agradável notícia de terem sido postos em liberdade os nossos queridos amigos srs. Augusto Pinto Areias e Pedro Pereira de Freitas, estimados negociantes desta praça, que haviam sido prêsos sob a suspeição de pertencerem a um suposto *complot* monárquico.

Como veem, a notícia não tem importância para nós, porque nunca acreditamos na existência de tal *complot;* mas deve ter muitíssima importância para *aqueles* que teem empenho em fazer acreditar que êle existiu.

Os nossos parabens a ambos os libertos e ao primeiro lembraremos "***que só assim o julgarão digno da consideração que sempre lhe dispensaram — a despeito do seu modo de ver político.***„

Você não se riu ó Areias?

Agora mande-*lhes,* como presente, um par de macacos, ande.

Casa no Toural

Aluga-se o n.º 27 com todas as dependências, incluindo cosinha, celeiro e adegas. Tem também entrada pelo Largo de S. Paio n.º 27.

AS "GUALTERIANAS„

Domingo, 18 de Agosto

PROGRAMA

Alvorada

Músicas e foguetes darão a nota exacta do dia festivo e alegre que se prepara.

Festa desportiva

Terá logar no jardim público, pelas 17 horas, ostentando este adornos e flámulas.

Durante este festival tocarão, alternadamente, duas bandas de música.

Corridas de bicicletas

No intervalo da execução do programa acima verificam-se as corridas de bicicletas—"negativas„ e "fitas„, prevalecendo as condições e prémios já ulteriormente indicados.

A entrada no jardim, com direito ao festival nocturno, é de 200 réis.

Marcha Milanesa

E' a grande atracção. Vale bem as honras do melhor réclame este número em que brilha a arte e o gosto, o engenho e a magia dum grande espectáculo.

Festival nocturno

No Jardim público a banda de infantaria n.º 20 tocará das 20 às 22 e depois dessa hora até às 24 a banda de S. Caètano. O Jardim ostentará decoração e iluminação artísticas.

Fogo de artifício

Os pirotécnicos de Moreira de Rei, e Devezas, do Porto, primarão num esplêndido fogo do ár.

E viva a ómenage

Diz o apêndice do programa das «Gualterianas», a chamada «Festa da Cidade», que teremos hoje no jardim público uma festa desportiva «que obsequiosamente a direcção e provedoria do Colégio dos Orfãos de S. Caetano, de Braga, oferece como *homenagem* com o seguinte programa:

Evoluções tácticas.
Luta de tracção.
Canto ginástico «Os suecos».
Corrida de três pernas.
Saltos à corda.
Ginástica sueca.
Cantos diversos.

Ora, apreciando bem as coisas como devem ser apreciadas, diremos:

O programa é esplêndido, mas a homenagem é pífia de todo.

Nós, é claro, não sabemos nem queremos saber de onde ou por quem foi soltada a nota desafinativa do caso, mas sempre lembramos à ilustre direcção e provedoria do Colégio dos Orfãos que homenagem paga à razão de 200 réis por caveira deixa de ser homenagem e passa a ser, nem mais nem menos, do que um negócio.

A mesma festa desportiva foi anunciada como um dos *números* das «Gualterianas», a tostão por cabeça.

Agora aparece como *homenagem* a dois tostões...

Com franqueza se é negócio vamos lá a fazer o tal negócio e pagamos os 200 réis.

Mas se é *homenagem* não nos façam pagar, porque nós somos os *homenageados*.

Sim, porque a verdade é esta: Ou é *homenagem* ou é um negócio de *homenagens*.

A música velha e a nova

Nós não somos partidários de músicas.

Tanto nos faz que seja a música do Cipriano (antiga do João Inácio) que vença, como que seja a dos Guises, assim como tanto nos importa que seja a dos Guises que apanhe um prémio, como que seja a do Cipriano.

Chega-nos a notícia de que à música velha, à do Cipriano, foi oferecida na quinta-feira passada, em Santo Tirso, onde foi tocar, uma artística batuta, pela superioridade que manifestou sôbre outra que tocava na mesma festa, e como se trata de indivíduos da nossa terra, isso nos basta para nos congratularmos e para lhe darmos os nossos parabens.

*

Tambem nos informam de que a música dos Guises fêz um figurão em Esposende, sustentando e salientando os seus créditos de uma boa filarmónica.

Pois, pela mesma razão anterior, lhe damos os nossos parabens, e com êles vão os nossos ardentes desejos de que ambas continuem a honrar esta nobilíssima cidade de Guimarães.

Cá e lá...

Um manifesto anarquista por causa de «A Portuguêsa»

Agosto, 15.

Assinado por *Um grupo de anarquistas*, foi profusamente distribuido um manifesto protestando contra as agressões a quem não se descobre ao ouvir executar a «Portuguêsa».

Esse manifesto é muito violento e contem ameaças contra as pessoas que pretenderem obrigar os libertários a saudarem o hino.

—Alguns elementos da carbonaria conferenciaram com os oficiais da polícia cívica, assentando em tomar medidas tendentes a evitar qualquer conflito grave ao executar-se a «Portuguêsa» no concerto do Rocio.

Á última hora tenho conhecimento de que não se realiza o concerto semanal no Rocio, para não ser alterada a ordem.

(Do *Notícias*).

Lá, na mãe da República, protestam e não só protestam... ameaçam, em virtude do que fica a música no quartel.

Bonito, não acham?!

Novo jornal

Anunciam as esquinas da cidade, por meio de pequenos cartazes, o aparecimento duma nova gazeta intitulada *A Defesa da República,* que se diz órgão do velho partido republicano.

E' director um sr. José Ferreira que, se nos não enganamos, deve ser o mesmo José Ferreira que vimos empunhando a bandeira nacional à partida para o comício.

Ora se assim é, com franqueza, anunciar um jornal com tal director é o mesmo que dizer aos leitores que... toda a cautela é pouca.

Venha de lá o colega, mas com outra firma que aquela já não *passa,* por muito safada que é.

O sôr Maia

Conhecem o *sôr* Maia?

E' aquele *tarrible cravonairo* que puchou duma pistola automática contra senhoras no jardim público e que, segundo nos consta, foi necessário que um homem de bem, de fora da nossa terra (tal e qual como quando aqui esteve o sr. Teodorico Ferreira dos Santos de grata memória), o *expropriasse* por utilidade pública e o mandasse cavar batatas para outras paragens.

Pois, ao que nos consta, o *sôr* Maia, à falta doutro trabalho mais honorífico, deu-se no passado domingo ao *sport* de sujar com detritos umas *alminhas* que existem na Fonte Santa, vomitando ao mesmo tempo os maiores impropérios contra Deus.

Ora as *alminhas* nunca foram *talassas*, nunca *conspiraram,* nem nunca fizeram mal a ninguêm.

E' um objecto do culto católico que todo o indivíduo, ainda que com crenças contrárias, deve respeitar, ou pelo menos não insultar.

E se qualquer católico se desse ao *sport* de, na legitima defesa da sua crença, sujar as mãos na cara do *tarrible cravonairo?...*

O menos que lhe sucedia, com certesa, era ser prêso por conspirador.

A moda pegou...

Vou escrever ao papá

No importante diário do Rio de Janeiro «Gazeta de Noticias» de 11 de junho, encontramos o seguinte que, a título de curiosidade, reproduzimos:

«Os passageiros do «Arlanza» trouxeram uma pilheria que logo fez sucesso. E' a seguinte:

—Vou escrever ao papá!

Querem saber a explicação? Ela é simples.

Veiu com o sr. Machado, ministro de Portugal, um filho do sr. Arriaga, actual presidente da República irmã.

Logo que chegaram a Pernambuco, o filho do sr. Arriaga (que vem despachado consul, cremos que para o Rio Grande) viu em varias casas a bandeira da monarquia portuguêsa.

Para o Brasil isso não tem significação.

Para o sr. Arriaga filho era um desrespeito à República de que seu pai é digno presidente. Ficou contrariado. Quando chegou à Baía, porêm, as bandeiras da monarquia portuguêsa eram tantas, que S. S. teve uma conversa com o Dr. Bernardino Machado:

—O senhor precisa fazer uma representação ao governo brasileiro.

O Dr. Bernardino veiu com intuitos conciliatórios. Daí quer conciliar.

—São convicções que, de certo, se abrandarão... Talvez não seja útil uma representação...

E falou assim meia hora.

Então o sr. Arriaga filho, dizem, — teria dito:

—Ah! não quer? Pois vou escrever ao papá!

A frase foi ouvida e a bordo por qualquer coisa logo repetiam:

—Vou escrever ao papá!»

Dinheiro a juros

Empresta-se 1:000$000 réis por escritura com hipoteca.

Nesta redacção se diz.

Quinta

Vende-se uma, bem situada, na freguesia de Gandarela, conhecida pelo nome de Quinta de Covelas, produzindo ao todo, regularmente, dez pipas de vinho e oito mil litros de cereais.

Tem morada para senhorio e caseiro.

Para tratar com Arnaldo Machado de Faria, morador em S. Miguel das Aves, concelho de Santo Tirso.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luis Gonzaga Pereira.

TIP. MINERVA VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cêrca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memorandums, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia. ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

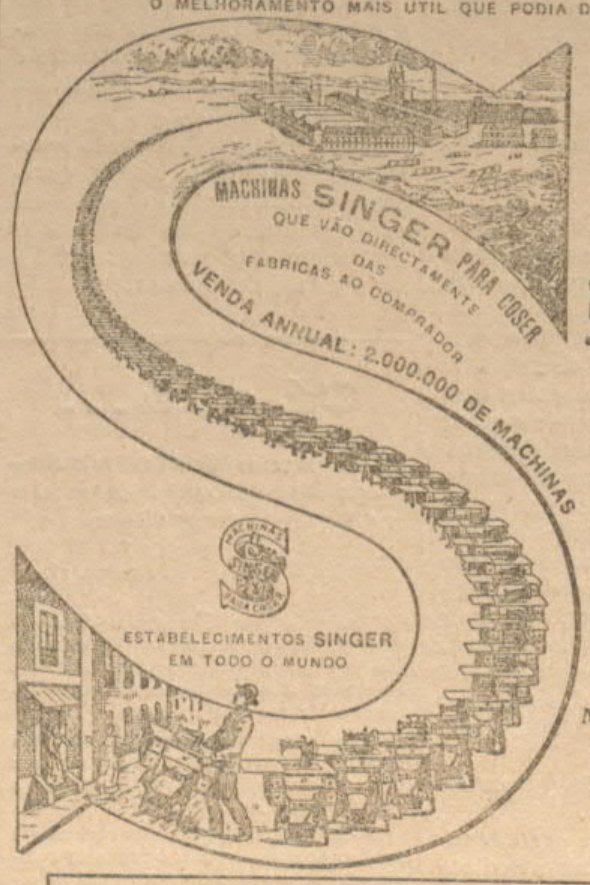
Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos quimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. ✻ ✻ ✻ **Trabalhos perfeitos e rápidos.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edifício dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adeantado)

Ano (sem estampilha)	1$200 rs.
Semestre	600 „
Trimestre	400 „
Pelo correio acresce o porte.	
Número avulso	30 „

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição por linha	20 „
Permanentes, contrato convencional.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra

(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranense

GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.mo Sr.